É uma grande satisfação trazer a público a obra *Bilingüismo dos Surdos*. Questões Lingüísticas e Educacionais. Essa obra apresenta contribuições de pesquisadores que vêm estudando a situação lingüística e educacional dos surdos em meio a grandes desafios, os quais se confundem com aqueles enfrentados pela própria pessoa surda no convívio familiar e social, fazendo-se sentir no desenvolvimento de sua personalidade e em seu perfil cognitivo e afetivo. Por essa razão, este volume representa uma vitória: da dedicação, da perseverança, do desejo de conhecer e de contribuir para a discussão de questões complexas, em que se afiguram as múltiplas faces da diversidade humana. Organizada sob dois pontos de vista – o lingüístico e o educacional –, é interessante notar que a interlocução entre os dois campos do conhecimento se faz de forma espontânea e natural, o que se credita ao conhecimento tácito de que a situação lingüística e educacional dos surdos é assunto para tratamento interdisciplinar e multidisciplinar. No entanto, fazer surgir resultados objetivamente formulados em meio a uma realidade que não se oferece facilmente ao exercício da “delimitação” é também tarefa árdua, e esse caminho foi trilhado cuidadosamente pelos autores.

É assim que se apresentam os sete capítulos da obra, que divulga pesquisa de doutorado e antecipa resultados obtidos no âmbito do projeto “Português como segunda língua na educação científica de surdos”, desenvolvido na Universidade de Brasília, com o apoio do Programa de Projetos Especiais da Capes/MEC, e reúne ainda estudos apresentados durante o I Simpósio de Línguas de Sinais e Bilingüismo, no V Congresso Internacional da Abralin, realizado em 2005, na Universidade de Brasília.

O capítulo intitulado “A aquisição da flexão em português escrito por sinalizantes surdos: uma reflexão inicial sobre a educação bilíngüe”, de Lílian Coelho Pires e Ruth Vasconcellos Lopes, também examina a aquisição de português (escrito) como segunda língua (L2) por sinalizantes surdos, tendo a língua de sinais brasileira como primeira língua (L1). Partindo da comparação entre o português (escrito) e a língua de sinais brasileira no que diz respeito à flexão verbal de concordância, investiga-se a questão da interferência da L1 na aquisição da L2. Os dados são obtidos por meio de produção eliciada em testes experimentais intralínguas com 17 alunos surdos do ensino médio, filhos de pais ouvintes. Dado que os sinalizantes tiveram contato com a língua de sinais em diferentes idades, o estudo discute então em que níveis a transferência de propriedades ocorre entre as duas línguas, o que permite verificar em que medida a aquisição constitui processo bilíngüe, bem como as conseqüências dessa variável para a constituição da interlíngua.

No capítulo “Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora”, Ronice Müller de Quadros e Aline Lemos Pizzio propõem procedimento para a constituição de corpora de aquisição da língua de sinais brasileira e para a transcrição de dados de produção espontânea. Além disso, descrevem sistemas de transcrição utilizados para outras línguas de sinais, buscando identificar critérios de adequação em face de objetivos estabelecidos, a fim de auxiliar na padronização dos arquivos de pesquisa, a serem disponibilizados para fins de pesquisa, entre outras finalidades.

O capítulo “Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB)”, de Leland McCleary e Evani

Viotti, relata experiência de transcrição de uma narrativa contada em língua de sinais brasileira, a qual é tomada como um primeiro passo em direção à constituição de um corpus de gravações e transcrições da língua de sinais brasileira, sinalizada por surdos adultos fluentes, discutindo-se problemas de sua transcrição, em que se identificam especificidades da modalidade visuo-espacial, além de propriedades inerentes à língua de sinais, cuja manifestação articulada é captada pelo sistema proposto.

No capítulo "Formulação de inferência e propriedades da interlíngua de surdos na aquisição de português (escrito)", Heloisa Salles, Paulo Bretas Salles e Adriana Chan-Vianna investigam a expressão de inferências na interlíngua de surdos aprendizes de português (escrito) como segunda língua. Analisando enunciados lingüísticos produzidos no processo de ensino-aprendizagem de conceitos formulados no âmbito das ciências biológicas, bem como a codificação morfossintática de relações de causalidade, depreende-se correlação entre o uso da ferramenta educacional adotada e a manifestação da recursividade (sintática), entre outros processos lingüísticos.

O capítulo "Contribuições da lexicografia ao contexto educacional bilíngüe de surdo", de Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho e Margot Latt Marinho, trata de questões referentes à lexicografia, tendo como foco principal a perspectiva do usuário, em especial dos alunos surdos, que se encontram em contexto educacional bilíngüe. Analisam-se dois dicionários representativos da lexicografia na língua brasileira de sinais, situados na categoria dos semi-bilíngües, estando um editado em suporte digital, e o outro, impresso, contraste relevante devido à natureza visuo-espacial das línguas de sinais. Por meio da análise dos recursos de busca e de aspectos da microestrutura, mostram-se as contribuições que os dicionários podem dar aos surdos-aprendizes de português-por-escrito, bem como aos ouvintes-aprendizes da língua de sinais brasileira.

No capítulo "Modalidade oral-auditiva versus modalidade visuo-espacial sob perspectiva de dicionários na área da surdez", de Enilde Faulstich, o estudo parte da observação de que, em dicionários para uso de falantes de línguas orais, há verbetes que organizam a informação lexical com base em uma relação de referência e de identidade do tipo / X é Y /, como em designar é chamar-se. Pergunta-se então como se organiza a informação lexical em dicionários de línguas de sinais. Partindo de discussão acerca de aspectos da dicionarística relacionada à surdez, o estudo examina em especial como se dá, dentro do dicionário, a simultaneidade de categorias lingüísticas cujos mecanismos são produtivos nas línguas de sinais.

No capítulo "O processo de formação de interlíngua na aquisição de língua portuguesa por surdos e as categorias tempo e aspecto", de Rossana Finau, investiga-se a produção escrita em língua portuguesa por pessoas surdas, em uma proposta de análise de formação de interlíngua durante a aquisição dessa língua, na modalidade escrita, principalmente no que diz respeito à organização do sistema de referência temporal e aspectual. Para tanto, é avaliada a interferência do sistema temporal e aspectual da língua de sinais brasileira, considerada língua materna do surdo, no sistema de interlíngua que se manifesta na aquisição da língua portuguesa.

Trata-se, portanto, de estudos que se orientam para a investigação da situação lingüística e educacional dos surdos – no Brasil – definida no entrelaçamento de sua condição biológica, cognitiva e social. Ao reunir tais contribuições, constatamos a amplitude dessas questões, materializada na situação peculiar que designamos bilingüismo dos surdos, que se fortalece na atualidade, pela atuação engajada da comunidade surda, em parceria com

instituições governamentais e organizações não-governamentais, justificando-se, portanto, a investigação, em bases científicas, desse complexo e, ao mesmo tempo, instigante fenômeno.

Nesse sentido, além de indicar caminhos para novas pesquisas, desejamos, com esta obra, ressaltar a importância da educação lingüística como atributo da cidadania, dado o pressuposto de que as línguas naturais são patrimônio cultural da humanidade, que nos cabe (re)conhecer em sua diversidade e singularidade, e por meio delas promover o acesso democrático à sociedade do conhecimento, definida como espaço de criação e usufruto dos bens culturais, tendo como fundamento a busca do desenvolvimento humano e a paz entre os povos.

Heloisa Maria Moreira Lima-Salles

Brasília, 8 de dezembro de 2007

Escrita por renomados estudiosos da área, esta obra tem o mérito de apresentar contribuições significativas para a compreensão da situação lingüística e educacional dos surdos, enriquecendo uma bibliografia especializada ainda escassa, sobretudo no Brasil.

A interlocução entre os dois campos do conhecimento – o lingüístico e o educacional – se faz, nos capítulos do livro, de forma espontânea e natural, o que confirma que o tratamento da situação lingüística e educacional dos surdos constitui assunto a exigir tratamento interdisciplinar e multidisciplinar.

Os resultados obtidos pelos autores, que trilham um caminho difícil na “delimitação” do campo de análise, abarcam algumas das dimensões mais significativas do tema em estudo, entre as quais se destacam: a) os problemas relacionados à transcrição das línguas de sinais em busca de uma padronização que auxilie na organização de arquivos, a partir de uma revisão dos sistemas disponíveis e também do relato de uma experiência concreta de transcrição; b) uma apresentação elucidativa (até mesmo para o leitor não especializado) das várias questões envolvidas na elaboração dos dicionários bilíngües e semi-bilíngües, com a apresentação dos dicionários mais utilizados e conhecidos; c) a análise de algumas questões teóricas atinentes à manifestação de propriedades morfossintáticas da interlíngua de surdos aprendizes de português (escrito), bem como o uso de ferramentas educacionais no desenvolvimento de conceitos científicos e a relação com a aquisição dessa segunda língua.

A discussão acerca da lexicografia mostra as contribuições que os dicionários podem dar aos surdos-aprendizes de português escrito, bem como aos ouvintes-aprendizes da língua de sinais brasileira. Revela, ainda, os avanços significativos proporcionados pelos recursos da informática na representação das línguas de sinais, em razão de suas características de sistema visuo-espacial.

Assim, desvendando alguns dos principais desafios enfrentados pela pessoa surda no convívio familiar e social, na constituição de seu perfil afetivo e cognitivo, este livro revela avanços das discussões da área, em que se alia a necessidade de pesquisas em bases científicas à força de um conjunto de ações institucionais, reforçadas pela atuação engajada da comunidade surda, de organizações não-governamentais e de outros setores da sociedade. Além de indicar caminhos para novas investigações, a discussão ressalta a importância da educação lingüística como atributo da cidadania, numa perspectiva inclusiva, segundo a qual todas as línguas naturais devem ser consideradas patrimônio da humanidade.

Gostaria de iniciar justificando por que aceitei o desafio de prefaciar esta coletânea dedicada à questão das línguas de sinais (LS), uma vez que tenho me dedicado é aos estudos crioulos, ao contato de línguas e, ultimamente, às relações entre língua e meio ambiente. Apesar do conhecimento de diversas pessoas surdas desde a infância, eu tive o primeiro contato com os estudos lingüísticos sobre LS através de minha colega e amiga Lucinda Ferreira, uma das pioneiras desse tipo de estudos no Brasil. Um pouco depois, participei, em 1999, na UFMG, de uma banca de defesa de dissertação de mestrado, intitulada A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito: a lógica do absurdo, apresentada por Elidéa Lúcia Bernardino e, como se vê, esse estudo tratava de assunto relacionado a grande parte dos ensaios que compõem este livro. Em 2003, participei do simpósio internacional Do Gesto à Escrita num Contexto Bilíngüe de Educação da Pessoa Surda, em Lisboa, em que apresentei a comunicação "Sobre o conceito de comunidade de surdos". Ainda no início do ano 2000, comecei a orientar a dissertação de mestrado de Célia Aparecida Faria de Almeida, defendida na UnB em 2004, sob o título A comunicação entre os membros de uma comunidade de surdos(cegos) de Prata (MG). Em 2005, a comunicação de Lisboa foi publicada na Revista de estudos da linguagem, v, 3, p. 193-219 (UFMG). Atualmente, estou cometendo a temeridade de orientar, e a Célia Almeida a coragem de desenvolver, uma tese de doutorado sobre a linguagem de uma surda-cega pré-lingüística da cidade de Barreiras (BA).

Tudo isso se associa a meus estudos na área de crioulistica e contato de línguas. Como sabemos, alguns autores consideraram as LS como línguas crioulas ou, pelo menos, muito semelhantes a elas e, às vezes, aos pidgins. Independentemente de isso ser verdade ou não, o fato é que eu sempre tive muita simpatia por essa manifestação da faculté du langage. Esse sentimento transparece em diversas passagens de meu último livro, intitulado Ecolingüística: estudo das relações entre língua e meio ambiente (Brasília: Thesaurus, 2007), sobretudo nas passagens em que falo da aquisição de língua. Em alguns capítulos do livro, procuro mostrar que língua não é só interação. Isso porque, para que a interação comunicativa seja eficaz, é necessário que haja um conjunto de regras compartilhadas, ou seja, uma gramática.

Entrando diretamente na temática focalizada neste livro, cabe observar que a luta dos surdos para aprender a língua escrita é bastante desigual. Se, para aprendê-la, os ouvintes têm que transpor para letras sons que já conhecem, por mais que haja discrepância entre fonema e grafema (como ocorre no inglês e no francês, por exemplo), no caso dos surdos esse desafio é muito maior. A escrita ideal para os surdos seria a que reproduzisse os sinais visuais que eles já dominam. Nesse caso, talvez estivessem, na aprendizagem da escrita, em pé de igualdade com os que podem ouvir. Mas, pelo que se pode ver nos textos de McCleary e Viotti, Quadros e Pizzio, entre outros que compõem a presente coletânea, isso não ocorre. Além do mais, como os surdos constituem minoria no território dos ouvintes, precisam dominar a linguagem desse meio, mesmo que apenas como L2 e/ou na modalidade escrita, a fim de tornar sua vida menos difícil, poder estudar, cursar uma universidade, por exemplo.

A interação é instintiva. Tanto que sempre que pessoas se vêem juntas em determinado espaço interagem, sendo mais comum nesses casos a interação lingüística, que pressupõe uma linguagem comum entre os que buscam se comunicar, vale dizer, uma gramática. Tanto que, se ela não existir, forja-se uma. É o que aconteceu na formação dos pidgins e dos crioulos. Mas é também o caso de muitas línguas de sinais, no momento de sua emergência. Um caso ilustrativo desse processo é o dos surdos da Nicarágua, que, assim que tiveram oportunidade de se juntarem, criaram uma língua. Os surdos da Ilha de Providência, ao contrário, nunca conseguiram formar uma, uma vez que não tiveram a mesma chance.

Nada disso tem a ver com inteligência. Tanto os surdos nicaragüenses quanto os de Providência eram, e são, dotados do dom biológico para a linguagem. Eu próprio conheço duas pessoas surdas da região rural de Patos de Minas que se equiparam aos surdos de Providência. Uma garota de uns treze anos que não domina Libras nem português, enfim, não fala “nenhuma língua”. Todavia, isso não significa que sua inteligência esteja prejudicada. Tanto que, tendo acesso a um computador levado para a família com que mora, ela conseguiu lidar com ele muito mais criativamente do que as outras pessoas da casa, inclusive um jovem de uns dezenove anos com segundo grau completo. Ela interage com todos na casa mediante sinais domésticos. O outro caso é o de um rapaz de aproximadamente vinte e cinco anos, que também não conhecia Libras ou português, mas que ficava atento às pessoas que estavam falando. A mim mesmo ele perguntou, mediante sinais domésticos, se ia ficar alguns dias com eles ou se iria embora logo em seguida. Eu lhe respondi como pude e ele entendeu. Isso mostra que nem ele nem a garota haviam perdido a capacidade para aprender línguas, o dom biológico para a linguagem, ou seja, a faculté du langage. Sem dúvida, se ensinássemos Libras a essas duas pessoas, elas aprenderiam rapidamente. Muitos dos surdos da Nicarágua estavam aproximadamente na mesma idade, em que a garota mencionada e, como sabemos, formaram o idioma de señas nicaragüense. Ou seja, tanto os nicaragüenses quanto os dois jovens de Patos de Minas conservam sua capacidade de aprender uma língua, o que seria um argumento contra o chamado “período crítico”, que se estenderia aproximadamente dos sete aos doze anos. Provavelmente, o que manteve a capacidade de aprender uma língua (faculté du langage) viva foi a constante interação comunicativa que mantinham (e mantêm) com as pessoas mais próximas, mesmo que não por meio de uma língua plena, no sentido de ter os componentes lexical e gramatical. Estou convicto de que se o português escrito fosse ensinado aos dois surdos em questão, aprendê-lo-iam, como qualquer um daqueles mencionados nos diversos ensaios desta coletânea. Com as mesmas dificuldades, por não dominarem a versão oral da língua, mas aprenderiam.

Como se vê, o estudo da comunicação dos surdos é de suma importância para ampliar a compreensão da linguagem humana. Um dos pontos que têm me interessado nos estudos da área é a referência, discutida no texto de Enilde Faulstich. Na verdade, parece que, ao aprenderem palavras, os surdos seguem um percurso onomasiológico, ou seja, aquele que vai do referente ao signo e que é o caminho mais natural. O percurso semasiológico (do signo para o referente) se dá no ensino da escrita, inclusive para os ouvintes. Por isso esse processo é tão difícil para ouvintes e surdos, porém ainda mais para os surdos do que para os ouvintes. Seguramente, há uma série de outros tópicos para os quais as línguas de sinais são verdadeiros laboratórios.

Intimamente relacionada à questão da referência surge a questão lexicográfica, discutida por Orlene Sabóia e Margot Marinho. Uma outra questão é a que trata do tempo e aspecto, discutida neste livro por Rossana Finau. O texto de Lilian Pires e Ruth Lopes aborda a espinhosa questão da aquisição da flexão em português escrito por sinalizantes, processo cujo resultado lembra os processos pidginizantes. Na verdade, toda “concordância” (e respectiva flexão ou morfema livre) constitui um luxo dispensável em uma situação extrema de comunicação. Em situações de crise, como as mencionadas, tudo que for dispensável na interação comunicativa é descartado, fato amplamente conhecido no domínio da crioulística. Tanto que ele é observado em uma ou outra variedade de praticamente todas as línguas naturais. Os ensaios do presente livro constituem, assim, uma grande contribuição para o entendimento desses processos, no que concerne à aquisição do português por surdos, mesmo partindo de perspectivas teóricas diferentes.

Hildo Honório do Couto
Departamento de Lingüística
Universidade de Brasília
Brasília, 8 de dezembro de 2007